ReDem
INCT | Representação e Legitimidade Democrática

Religião, ideologia e mercado: O sistema de crenças dos filiados da nova direita brasileira

Filipe Vicentini Faeti
USAL; INCT ReDem

Vinicius Silva Alves
IDP

ReDem Working Paper
Vol. 3
2026
ISSN 3086-8246

Religião, ideologia e mercado: O sistema de crenças dos filiados da nova direita brasileira

Filipe Vicentini Faeti, Vinicius Silva Alves

Resumo

Introdução: Este working paper analisa se a reorganização da nova direita brasileira nas arenas eleitoral e parlamentar se reflete em suas bases partidárias. O foco é o sistema de crenças dos filiados nas dimensões religiosa, ideológica e econômica. **Materiais e métodos:** São analisados dois *surveys* online independentes com filiados de 25 partidos, aplicados em 2020 (2.419 respostas) e 2022 (7.085 respostas). Índices de conservadorismo moral e de liberalismo econômico, de 1 a 7, são estimados por regressão linear com erros-padrão robustos e comparados entre cinco blocos partidários pelo teste de Games-Howell. **Resultados:** Nas duas amostras, filiados evangélicos são mais conservadores nos costumes do que os de outras religiões, com controle por ideologia e bloco partidário. Na amostra de 2022, a autoposição ideológica explica parcela maior do conservadorismo moral do que a religião, e as dimensões moral e econômica aparecem mais correlacionadas. Nesse ano, a nova direita (PL, Republicanos, PSL, PSC, Patriota e PRTB) é mais conservadora nos costumes do que a direita tradicional, mas não se distingue dela na economia. **Discussão:** A reorganização da direita se reflete apenas em parte entre os filiados. A base da nova direita se separa da direita tradicional pela agenda moral, e não pelo programa econômico. Os filiados mais liberais na economia estão no Novo, fora do núcleo bolsonarista.

Palavras-chave
conservadorismo moral; liberalismo econômico; religião; filiados; nova direita.

Filipe Vicentini Faeti
USAL; INCT ReDem
fvfaeti@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-7554-6145

Vinicius Silva Alves
IDP
vinicius.alves@idp.edu.br
https://orcid.org/0000-0001-7880-0022

Religion, ideology, and the market: The belief system of Brazil's new right party members

Abstract

Introduction: This working paper examines whether the reorganization of Brazil's new right in the electoral and parliamentary arenas is reflected in its party bases. It focuses on the religious, ideological and economic dimensions of party members' belief systems. **Materials and methods:** Two independent online surveys of members of 25 parties, conducted in 2020 (2,419 responses) and 2022 (7,085 responses), are analyzed. Indices of moral conservatism and economic liberalism, ranging from 1 to 7, are estimated through linear regression with robust standard errors and compared across five party blocs with the Games-Howell test. **Results:** In both samples, evangelical members are more conservative on moral issues than members of other religions, controlling for ideology and party bloc. In the 2022 sample, ideological self-placement accounts for a larger share of moral conservatism than religion, and the moral and economic dimensions are more strongly correlated. In that year, the new right (PL, Republicanos, PSL, PSC, Patriota and PRTB) is more conservative on moral issues than the traditional right but does not differ from it on the economy. **Discussion:** The reorganization of the right is only partially reflected among party members. The new right's base differs from the traditional right in its moral agenda, not in its economic program. The most economically liberal members are in Novo, outside the Bolsonarist core.

Keywords
moral conservatism; economic liberalism; religion; party members; new right.

Introdução

Partidos de nova direita, definidos como forças políticas que combinam conservadorismo moral, rejeição ao *establishment* e apelo econômico ultraliberal, têm vencido eleições e governado em diversas democracias latino-americanas na última década (Borges, 2024). No Brasil, esse processo se consolidou com a vitória de Bolsonaro em 2018 (Borges & Vidigal, 2023).

O sucesso eleitoral da nova direita no Brasil é explicado por fatores do lado da demanda e da oferta partidária. Na arena eleitoral, a vitória de Bolsonaro reativou o conservadorismo social latente e operou um realinhamento que cristalizou uma base eleitoral de traços afetivos e negativos. Essa base é formada sobretudo por homens, brancos, evangélicos, antipetistas e liberais (Nicolau, 2020; Rennó, 2020; Rennó et al., 2026; Singer, 2021; Vidigal, 2022). Na arena parlamentar, a oposição aos governos petistas reconfigurou as opções de recrutamento à direita, e as legendas tradicionais cederam espaço a novas forças mais ideológicas e radicais, uma de base evangélica e moral e outra ultraliberal, oriunda de *think tanks* (Borges, 2024). Falta avaliar como essas mudanças se refletem nas bases organizacionais desses partidos.

Este working paper analisa o sistema de crenças dos filiados da nova direita a partir da coerência entre suas atitudes religiosas, ideológicas e econômicas (Converse, 1964). Como os filiados conectam a base eleitoral à arena parlamentar (Scarrow, 2014), espera-se que a estrutura de suas atitudes corresponda à reorganização das direitas nessas arenas. A hipótese central é que o pertencimento evangélico esteja mais associado ao conservadorismo moral do que a autoposição ideológica e as preferências econômicas. Testa-se, assim, se a identidade religiosa e o perfil ultraliberal, centrais no voto conservador e na reorganização parlamentar da direita (Borges, 2024), estruturam as atitudes morais e econômicas dos filiados.

Com base em dois *surveys* com filiados partidários brasileiros, os resultados indicam que o pertencimento evangélico se associa a maior conservadorismo moral nas duas amostras. Em 2020, o peso da religião é semelhante ao das preferências econômicas. Em 2022, ideologia e preferências econômicas passam a responder por uma parcela maior desse conservadorismo do que a religião. Conclui-se que a reorganização da nova direita se reflete parcialmente nas suas bases partidárias. A próxima seção discute a teoria, seguida do desenho de pesquisa, dos resultados, da discussão e das conclusões.

A religião e o livre mercado: O sistema de crenças dos filiados da nova direita

A reorganização da nova direita brasileira nas arenas parlamentar e eleitoral, pautada pelo avanço do conservadorismo moral de base religiosa e pela difusão de uma agenda econômica ultraliberal, se reflete em suas bases partidárias? Para responder a essa pergunta, avaliamos como religião, ideologia e preferências econômicas se articulam no sistema de crenças dos filiados (Borges, 2024; Borges & Vidigal, 2023; Converse, 1964).

Nos últimos anos, a produção acadêmica sobre as direitas tem abordado os eleitores (Rennó, 2020), os parlamentares (Borges, 2024) e os manifestantes (Tatagiba, 2018), mas raramente os filiados, sobretudo os da nova direita (Faeti, 2025). Embora esse grupo seja central para a reprodução organizacional de seus partidos, pouco se sabe sobre como se estruturam seus valores e atitudes políticas (Amaral, 2013; Bolognesi, 2021).

Essa lacuna decorre do foco dessa literatura no Partido dos Trabalhadores, o PT (Samuels & Zucco, 2018), da dificuldade de obter dados sobre filiados, que os próprios partidos não têm

interesse em divulgar (Ribeiro & Amaral, 2019), e da influência de uma leitura duvergeriana da filiação, ancorada no ideal de partido de massa, segundo a qual a ausência de taxa financeira a esvaziaria de sentido (Speck et al., 2015). Esses fatores alimentam a tese de que, à exceção do PT, não haveria vida interna nos demais partidos, especialmente os de direita, onde a filiação seria estritamente oportunista e instrumental para viabilizar candidaturas e interesses materiais imediatos, o que dispensaria estudar o sistema de crenças dos filiados (Speck, 2013).

O que se sabe sobre os filiados brasileiros é que, independentemente da ideologia, eles tendem à centralidade social perante o eleitorado. São predominantemente homens, brancos, católicos, mais escolarizados, de renda mais alta e mais interessados em política, e têm sistemas de crenças mais coerentes (Faeti, 2025; Ribeiro & Amaral, 2019; Speck et al., 2015). Filiados de esquerda e de direita também não diferem nos padrões participativos (Faeti, 2025), no sentido atribuído à filiação (Cervi et al., 2020), na adesão a valores democráticos (Ribeiro & Alves, 2025) e no engajamento motivado pelo ódio (Alves et al., 2024). Cabe investigar se o mesmo ocorre no sistema de crenças dos filiados da nova direita, em suas dimensões religiosa, ideológica e econômica.

Esses eixos estão no centro da reorganização da direita. Na arena eleitoral, a vitória de Jair Bolsonaro em 2018 reorganizou o eleitorado desse campo. Para Singer (2021), esse processo despertou um conservadorismo social latente. Rennó (2020) identifica um realinhamento, no qual Bolsonaro unificou forças dispersas e estimulou os eleitores a ajustarem suas preferências programáticas às suas propostas políticas (Rennó, 2022). A duradoura adesão de parte do eleitorado ao bolsonarismo e a consequente radicalização desse apoio consolidaram uma base social conservadora e resiliente (Moreira & Rennó, 2024; Rennó et al., 2026).

O perfil desse eleitor ajuda a antecipar os valores que podem estar presentes nas bases partidárias da direita. Entre eles estão o antipetismo (Samuels & Zucco, 2018), a identidade evangélica (Guedes-Neto, 2020), o liberalismo econômico (Rennó, 2022) e, de forma mais ampla, o conservadorismo (Moreira & Rennó, 2024). Os evangélicos, em particular os pentecostais e os mais assíduos aos cultos, tendem a assumir posições mais conservadoras em pautas morais do que os demais grupos religiosos (Araújo, 2022; Ferreira & Fuks, 2021).

Na arena parlamentar, o processo de reacomodação começa nos governos petistas, quando novos partidos de direita ampliaram sua bancada e passaram a recrutar outros quadros partidários (Borges, 2024). As legendas conservadoras tradicionais, marcadas pela lógica clientelista de apoio ao governo e pela baixa programaticidade, passaram a disputar espaço com forças mais ideológicas, ligadas a agendas anticorrupção de base moral e antiestablishment (Borges & Vidigal, 2023).

A primeira dessas forças é a direita evangélica, conectada a igrejas, clero e parlamento (Borges & Vidigal, 2023). Ela se organiza pelo controle de legendas como Republicanos, PSC e DC, seus canais de institucionalização, e pela atuação suprapartidária da Frente Parlamentar Evangélica, voltada à defesa de pautas morais e à reação a agendas progressistas (Borges, 2024). A segunda é a direita antiestablishment (Borges, 2024), cujas lideranças surgiram dos protestos anticorrupção e se formaram politicamente em think tanks ultraliberais (Rocha, 2021). Seus militantes, ligados a organizações como Movimento Brasil Livre (MBL) e Livres, circularam por diferentes legendas, sem canal partidário único, em torno da defesa do livre mercado e da crítica à política tradicional.

A reorganização das direitas respondeu à demanda dos eleitores conservadores na arena eleitoral e ao aumento da oferta de partidos estruturados pela agenda moral e pelo ultraliberalismo na arena parlamentar. Resta saber como essas mudanças se refletem nas bases partidárias, com foco nas dimensões religiosa, ideológica e econômica do sistema de crenças dos filiados a esses partidos.

No plano moral, espera-se que a religião seja a variável mais associada aos valores dos filiados. As igrejas evangélicas transmitem posições estáveis sobre família, gênero e sexualidade por meio da frequência aos cultos e de redes comunitárias (Smith, 2019). Sob pressão cruzada entre igreja e partido, os filiados tenderiam a seguir a primeira pela antecedência de seus vínculos religiosos (Lazarsfeld et al., 1944), embora o partidarismo possa reforçar ou reorganizar a identidade religiosa (Margolis, 2018). Enquanto as preferências político-econômicas tratam do papel do Estado e do mercado (Silva, 2018), a religião dá prescrições diretas sobre comportamento e costumes (Araújo, 2022). Por isso, a matriz religiosa deve prevalecer pela especificidade do tema.

H1 (religião). A filiação religiosa está mais associada aos valores morais dos filiados do que a autoposição ideológica ou as preferências econômicas.

Sob uma perspectiva multidimensional, moral e economia constituem eixos ideológicos distintos (Feldman & Johnston, 2014; Treier & Hillygus, 2009). Contudo, dado que filiados exibem maior coerência programática que o eleitorado (Speck et al., 2015) e tendem a estender o conflito a múltiplas dimensões (Layman & Carsey, 2002), postula-se que, entre eles, ambas as dimensões estejam correlacionadas, sem que se fundam em um único eixo.

H2 (dimensões distintas). O liberalismo econômico e o conservadorismo moral constituem dimensões empiricamente separáveis entre os filiados, ainda que correlacionadas.

A polarização política engendra assimetrias inter e intragrupais (Fuks & Marques, 2022; Moreira & Rennó, 2024). Pela lógica da extensão do conflito a múltiplas dimensões (*conflict extension*; Layman & Carsey, 2002), parte da direita brasileira se alinhou à agenda conservadora vitoriosa em 2018 e se afastou do restante do campo. Se esse padrão se projetar nas bases organizacionais dos partidos, a nova direita bolsonarista deve se distinguir da direita tradicional em 2022, sobretudo na dimensão moral. Na econômica, a diferença tende a ser menor, já que o liberalismo de mercado é um ativo compartilhado pelo conjunto da direita (Borges, 2024).

H3 (diferenciação da nova direita). Os subgrupos da direita partidária compartilham posicionamentos econômicos semelhantes em 2020, mas, em 2022, a nova direita se distingue da direita tradicional nas duas dimensões, com maior conservadorismo nos costumes e, em menor grau, maior liberalismo na economia.

Dados e métodos

Os dados provêm de dois *surveys* aplicados via SurveyMonkey a filiados e dirigentes partidários (Ribeiro et al., 2026), restritos aos 25 partidos presentes nas duas coletas. O primeiro, de março e abril de 2020, obteve 2.419 respostas válidas, com pesos calculados pela distribuição dos filiados por estado. O segundo, de março a maio de 2022, obteve 7.085 respostas, sem ponderação. O questionário e a lista de partidos foram definidos antes da fusão entre DEM e PSL que originou o União Brasil, e os filiados aparecem identificados pela legenda de origem. As amostras são independentes, de modo que as comparações entre 2020 e 2022 se referem a diferenças entre amostras, e não a mudanças nos mesmos indivíduos. Os dados de 2020

estão depositados no Harvard Dataverse (Ribeiro et al., 2026), e os de 2022 serão disponibilizados após o ciclo de publicações do grupo. O material suplementar, com as tabelas completas e o script em R que reproduz todas as estimativas e figuras, está no Harvard Dataverse (Faeti & Alves, 2026), onde a base anonimizada pode ser solicitada.

Seguindo Borges (2024), foram construídos dois índices, em escala de 1 a 7, em que valores mais altos indicam maior conservadorismo moral e maior liberalismo econômico, entendido como menor apoio à redistribuição e à intervenção estatal. O índice moral reúne as opiniões sobre aborto, direitos LGBT+ e paridade de gênero. Sua consistência interna é modesta (alfa de Cronbach de 0,47 em 2020 e 0,58 em 2022), e a análise item a item mostra que a religião pesa sobretudo em aborto e direitos LGBT+, de modo que o índice capta principalmente uma dimensão de moralidade sexual e reprodutiva (Tabela S18). Um índice só com aborto e direitos LGBT+ (correlação de 0,31 em 2020 e 0,41 em 2022) produz os mesmos resultados nos modelos e nas comparações de médias (Tabelas S14 e S16). O índice econômico reúne a percepção sobre desigualdade e a opinião sobre intervenção estatal (correlação inter-item de 0,42 em 2020 e 0,43 em 2022 e confiabilidade de Spearman-Brown de 0,60 nos dois anos). Como o nível absoluto desse índice depende da redação dos itens, a análise compara blocos e anos.

A religião foi agrupada em evangélicos (incluindo pentecostais e adventistas), católicos, espíritas e outros (sem religião, religiões afro-brasileiras e demais crenças). A ideologia é a autoposição de 1 (esquerda) a 10 (direita). Entre os que se posicionam, ela acompanha os blocos partidários, com médias próximas de 2 na esquerda e de 8 na nova direita, e se polariza entre as amostras, pois a proporção de filiados nos extremos da escala passa de 36% para 55%. O bloco partidário agrupa os partidos de filiação segundo sua posição ideológica, a partir de Bolognesi et al. (2023) e de Borges (2024), em esquerda (PT, PSOL, PCdoB), centro (PDT, PSB, PV, Cidadania), direita tradicional (PSDB, MDB, DEM, PP, PTB), direita fisiológica (PSD, Podemos, PROS, Avante, Solidariedade, PMN, PTC) e nova direita (PL, Republicanos, PSL, PSC, Patriota, PRTB). Diferentemente de Borges (2024), que associa a direita dos movimentos liberais a PSL, Novo e Podemos, esta classificação incorpora à nova direita o núcleo do bloco bolsonarista. Como Bolsonaro só se filiou ao PL em novembro de 2021, as comparações foram refeitas sem o partido e com o PL de 2020 na direita fisiológica, e a diferença moral se mantém (Tabela S14). O Novo, 26º partido, presente só em 2022 (47 filiados), fica fora dos modelos principais.

O Modelo 1 estima o conservadorismo moral por mínimos quadrados ordinários (OLS) a partir da religião, da ideologia e do bloco partidário, e o liberalismo econômico entra como controle em especificação alternativa. O Modelo 2 inclui interações entre a religião e o bloco partidário, apresentadas como médias preditas. As diferenças entre blocos partidários nos dois índices foram testadas por ANOVA e pelo teste de Games-Howell. Para comparar o peso de religião, ideologia e preferências econômicas, o R^2 da especificação com o liberalismo econômico foi decomposto pela contribuição média de cada fator. Com exclusão *listwise*, o Modelo 1 retém 1.379 casos em 2020 e 3.700 em 2022, enquanto o Modelo 2 retém 1.430 e 3.776. Como a não resposta à escala ideológica é elevada (43% em 2020 e 48% em 2022) e maior entre evangélicos e na direita, o Modelo 1 foi reestimado por imputação múltipla, com religião, bloco e os dois índices no modelo de imputação (Tabela S17). Sob imputação, a associação da religião se mantém, e a distinção entre os subgrupos da direita aparece apenas em 2022. As estimativas principais não usam os pesos de 2020, e a versão ponderada produz coeficientes próximos, com a maior diferença na direita fisiológica (0,27 e 0,18).

Os diagnósticos indicaram baixa multicolinearidade (VIF máximo de 2,3) e heterocedasticidade (Breusch-Pagan), razão pela qual a inferência usa erros-padrão robustos

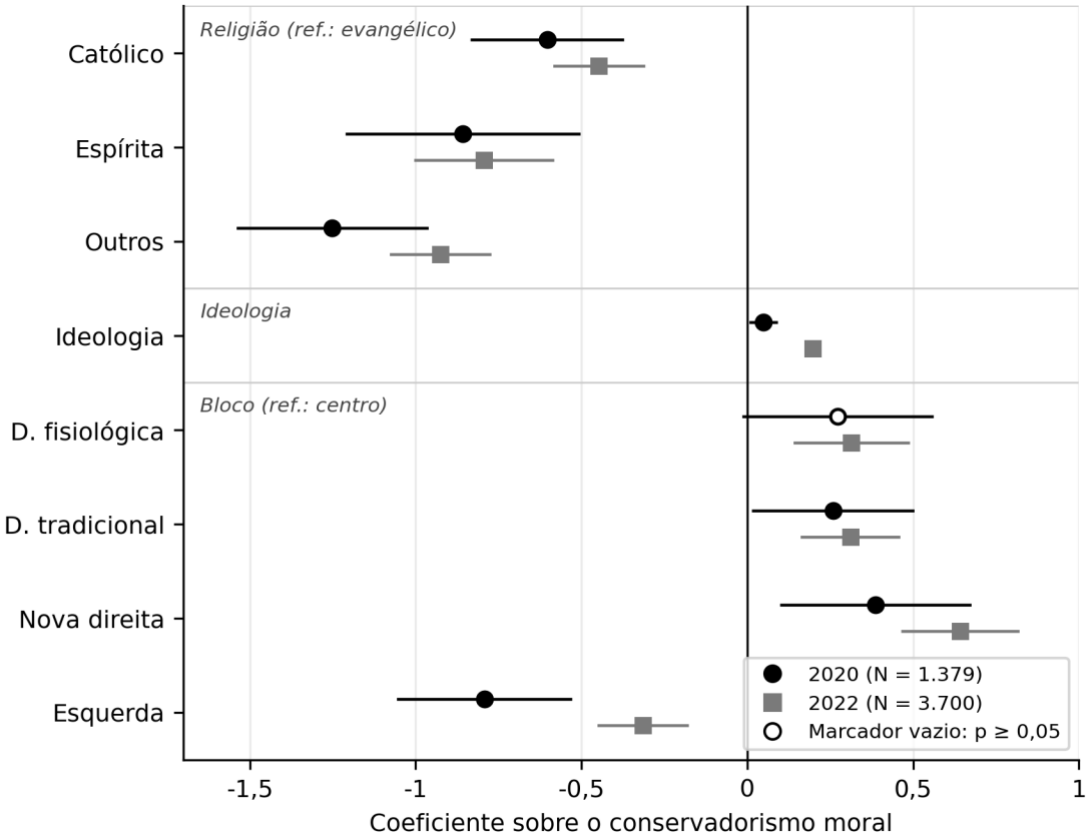
(HC1). Como o teste de Levene rejeita a homogeneidade de variâncias entre blocos nas duas dimensões, as comparações de médias usam o teste de Games-Howell.

Resultados

Os resultados confirmam parcialmente as hipóteses. O pertencimento evangélico se associa a maior conservadorismo moral nas duas amostras, mesmo com controles por ideologia e bloco. A H1 recebe apoio frágil em 2020 e é rejeitada em 2022. O peso da religião é estável, enquanto os da ideologia e das preferências econômicas crescem e o superam em 2022. Moral e economia permanecem dimensões distintas, embora mais correlacionadas em 2022, o que confirma a H2. A H3 se confirma na dimensão moral e é rejeitada na econômica, já que, em 2022, a nova direita se distingue da direita tradicional nos costumes, mas não na economia.

O Modelo 1 avalia a associação da religião, da ideologia autoposicionada e do bloco partidário com o conservadorismo moral, e a Figura 1 mostra seus coeficientes. A religião tem associação significativa nas duas amostras, assim como os blocos partidários, exceto a direita fisiológica em 2020, e a ideologia tem sinal positivo, mais fraco em 2020 e forte em 2022.

Figura 1: Coeficientes do Modelo 1 para o conservadorismo moral, 2020 e 2022



Fonte: Autores (2026), com dados de Ribeiro et al. (2026). Nota: OLS com erros-padrão robustos (HC1) e intervalos de confiança de 95%. Marcadores vazios indicam p ≥ 0,05. Referências: evangélico e bloco de centro. Tabela completa: S4.

Evangélicos, categoria de referência, têm os maiores escores no índice, mesmo após o controle pelas demais variáveis. Católicos, espíritas e o grupo "outros" têm escores

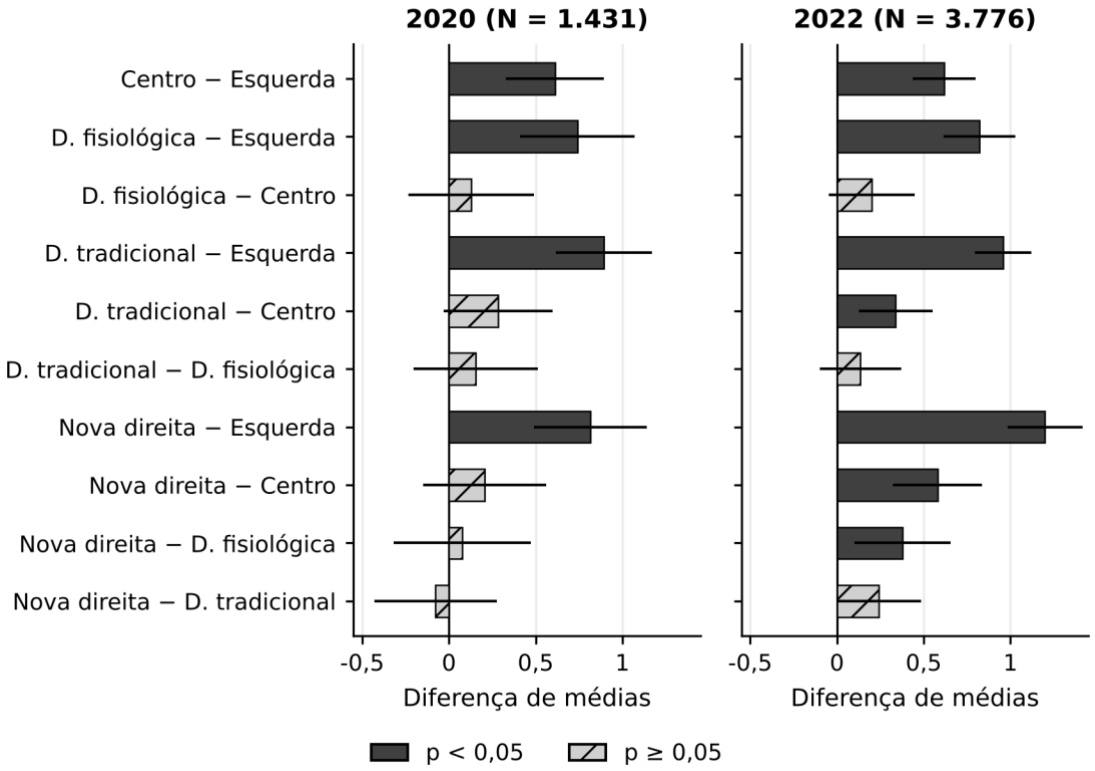
significativamente mais baixos, e a diferença entre evangélicos e esse último grupo chega a 1,25 ponto em 2020 e a 0,93 em 2022, numa escala de 1 a 7.

A ideologia se associa positivamente ao conservadorismo moral, e seu coeficiente passa de 0,05 para 0,20 por ponto da escala entre as amostras. Como a escala vai de 1 a 10, essa diferença é substantiva. A decomposição do R^2 entre religião, ideologia, bloco e liberalismo econômico mostra que a contribuição da religião é estável (0,058 em 2020 e 0,061 em 2022), enquanto a da ideologia passa de 0,036 para 0,171, a do liberalismo, de 0,057 para 0,102, e a do bloco, de 0,070 para 0,118. Em 2020, a religião supera a ideologia, mas empata com o liberalismo, e sua vantagem sobre a ideologia desaparece quando bloco e liberalismo saem do modelo. Em 2022, a ideologia supera a religião em todas as especificações testadas, e o liberalismo, na especificação em que entra (Tabela S7).

Diferenças entre os blocos partidários

Na dimensão econômica, a ANOVA indica diferenças significativas entre os blocos partidários, detalhadas na Figura 2. A maior clivagem separa a esquerda dos demais blocos, em linha com Borges (2024). Entre os subgrupos da direita, a nova direita só se distingue da direita fisiológica, e apenas em 2022 (diferença de 0,38, $p = 0,002$). Em relação à direita tradicional, a diferença de 0,24 não é significativa ($p = 0,052$), fica no limite sem o PL (0,27, $p = 0,050$) e desaparece quando PL e PSL são excluídos (Tabela S14). O quadro muda com o Novo. Seus filiados com resposta válida ($n = 33$) têm o maior escore de liberalismo econômico da amostra, cerca de dois pontos acima da nova direita, e incluí-los nesse bloco torna significativa a diferença em relação à direita tradicional ($p = 0,001$), resultado que pede cautela dado o pequeno número de casos.

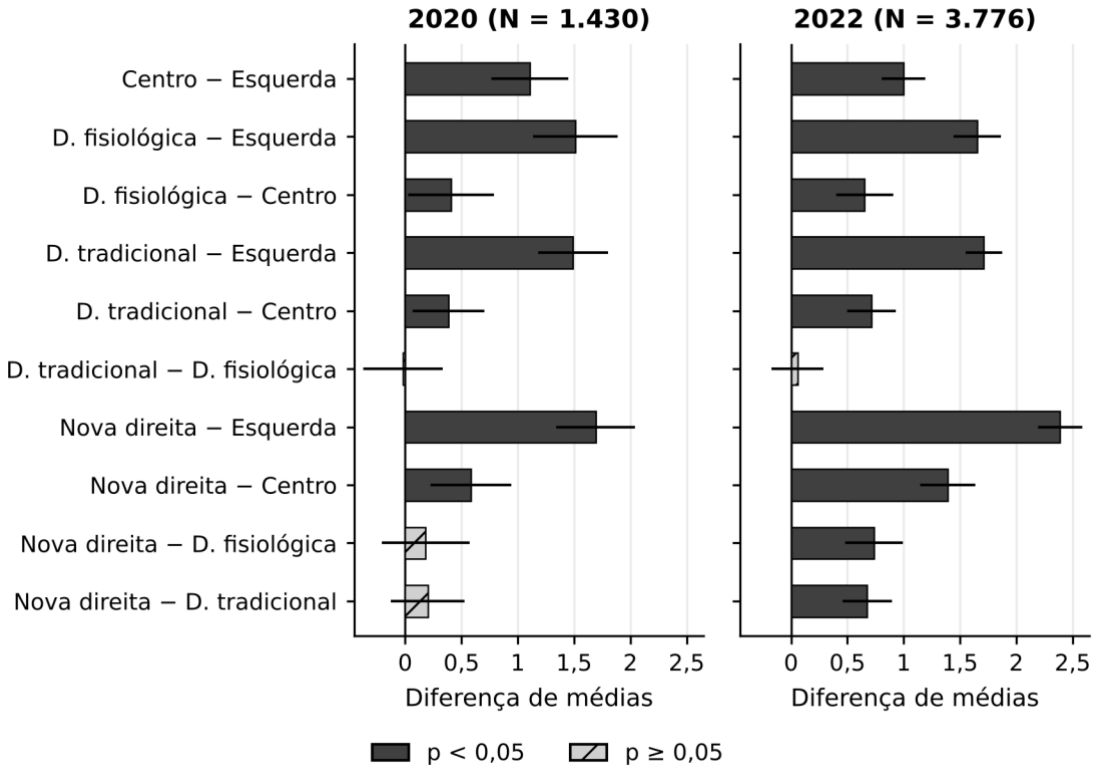
Figura 2: Diferenças de médias no liberalismo econômico entre blocos partidários, 2020 e 2022



Fonte: Autores (2026), com dados de Ribeiro et al. (2026). Nota: teste de Games-Howell com intervalos de confiança de 95%. Cada diferença é calculada como o bloco mais à direita menos o bloco mais à esquerda. Barras escuras indicam $p < 0,05$. O N se refere às respostas válidas ao índice econômico e, por isso, difere do da Figura 3.

Na dimensão moral, as diferenças são mais pronunciadas, como mostra a Figura 3. A esquerda tem os menores níveis de conservadorismo moral e a nova direita, os maiores. Em 2020, não havia diferença significativa entre os subgrupos da direita. Em 2022, a nova direita supera a direita tradicional (diferença de 0,68, $p < 0,001$), resultado que se mantém sem o PL (0,72) e sem PL e PSL (0,65). Ela também se distingue dos demais subgrupos da direita, em linha com Borges (2024) e Borges e Vidigal (2023).

Figura 3: Diferenças de médias no conservadorismo moral entre blocos partidários, 2020 e 2022



Fonte: Autores (2026), com dados de Ribeiro et al. (2026). Nota: teste de Games-Howell com intervalos de confiança de 95%. Cada diferença é calculada como o bloco mais à direita menos o bloco mais à esquerda. Barras escuras indicam p < 0,05.

Os eixos moral e econômico, correlacionados de forma moderada (r = 0,28 em 2020 e 0,43 em 2022), não se sobrepõem integralmente, como prevê a abordagem multidimensional (Feldman & Johnston, 2014; Treier & Hillygus, 2009). A correlação mais alta em 2022 indica que as duas dimensões aparecem mais associadas, ainda que separáveis. A análise de componentes principais retém dois fatores nas duas amostras (autovalores de 1,93 e 1,20 em 2020 e de 2,25 e 1,03 em 2022), embora o segundo fator fique no limite do critério de Kaiser em 2022, e a variância explicada pelo primeiro fator sobe de 38,5% para 45%. Após rotação *varimax*, aborto e direitos LGBT+ formam um componente, e a paridade de gênero se agrupa com os itens econômicos (Tabela S11). Com um índice moral só de aborto e direitos LGBT+, a correlação também sobe, mas em nível mais baixo (de 0,14 para 0,30). Como as amostras são independentes, as correlações também foram estimadas dentro de cada bloco partidário. Na nova direita, a correlação passa de 0,11 para 0,32 (de −0,05 para 0,10 com dois itens), o que indica que a diferença não decorre apenas da composição das amostras (Tabela S10).

Interação entre religião e bloco partidário

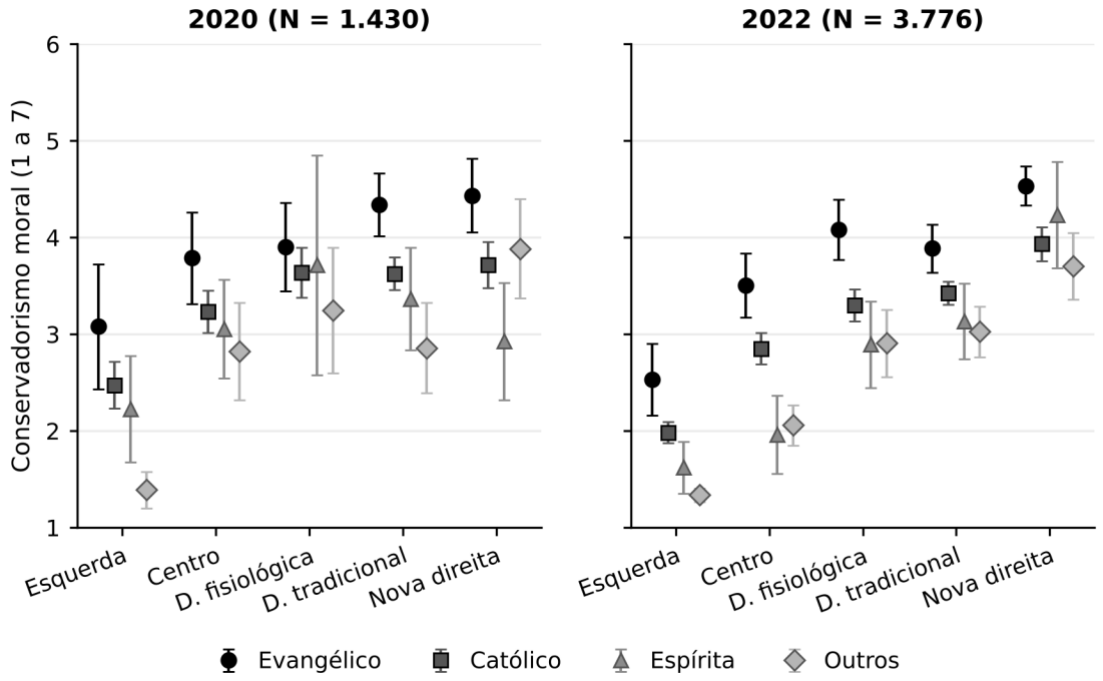
O Modelo 2 inclui interações entre a religião e o bloco partidário do filiado, com evangélicos de partidos de centro como referência. Em 2020, nenhuma interação isolada é significativa, embora o teste conjunto rejeite a homogeneidade (p = 0,014). Em 2022, quatro das doze interações são significativas (teste conjunto, p = 0,044), apenas uma delas resistente à correção de Bonferroni para comparações múltiplas (espírita × nova direita). Nas médias

preditas, o diferencial dos evangélicos é menor na nova direita, onde mesmo os não evangélicos têm escores elevados, e permanece amplo no centro e na esquerda.

Com dados observacionais, não é possível estabelecer a direção causal entre identidade religiosa e filiação partidária (Margolis, 2018), mas a religião mantém uma associação independente e substantiva com o conservadorismo moral, mesmo com controle por características partidárias. Nas duas amostras, filiados evangélicos de partidos de centro têm níveis de conservadorismo moral semelhantes aos de católicos da direita tradicional.

A Figura 4 mostra as médias preditas pela combinação entre religião e bloco partidário. Nas duas amostras, os evangélicos têm os maiores escores em todos os blocos. Em 2022, porém, a nova direita tem escores mais altos, e a distância entre evangélicos e os grupos espírita e "outros" cai em seu interior (0,3 e 0,8 ponto), mas continua ampla no centro e na esquerda (de 0,9 a 1,5 ponto). Entre católicos, ela fica perto de 0,6 ponto na esquerda, no centro e na nova direita.

Figura 4: Médias preditas de conservadorismo moral por religião e bloco partidário, 2020 e 2022



Fonte: Autores (2026), com dados de Ribeiro et al. (2026). Nota: médias preditas pelo Modelo 2, com intervalos de confiança de 95%. Tabelas completas: S12 e S13.

Esses resultados indicam que a reorganização das direitas se reflete, em parte, no sistema de crenças dos filiados. A religião mantém sua associação com o conservadorismo moral nas duas amostras, com sinais de variação entre os blocos partidários, e, em 2022, os espíritas e o grupo "outros" da nova direita se aproximam dos evangélicos.

Discussão

Os resultados mostram que, em 2022, o sistema de crenças dos filiados da nova direita aparece mais estruturado do que em 2020, no sentido de Converse (1964). No interior do bloco, a correlação entre moral e economia passa de 0,11 para 0,32, ou de −0,05 para 0,10

sem a paridade de gênero, item que se aproxima da dimensão econômica. O aumento não é exclusivo do bloco, já que a correlação sobe na amostra inteira, de 0,28 para 0,43, mas só na nova direita ele se combina com a diferenciação moral em relação à direita tradicional. A religião permanece associada ao conservadorismo moral, em linha com Borges (2024) e Borges e Vidigal (2023), com peso estável, enquanto o da ideologia cresce até se tornar o maior entre os fatores.

Evangélicos são, em média, mais conservadores moralmente do que católicos, espíritas e o grupo "outros" em todos os blocos. A persistência dessa associação nas duas amostras é compatível com um conservadorismo moral enraizado em valores prévios à filiação, ligados a estruturas religiosas e comunitárias que atravessam o sistema partidário. Na nova direita, também os não evangélicos têm escores altos, sobretudo em 2022.

Na dimensão econômica, a nova direita não se distingue da tradicional em nenhum ano e só se afasta da fisiológica em 2022, em linha com Borges (2024), para quem a economia não distingue a direita dos movimentos liberais do restante da direita. A agenda ultraliberal tem base própria, mas concentrada no Novo, cujos filiados são os mais liberais da amostra e que não integra o núcleo bolsonarista, embora lideranças do partido, como Romeu Zema, tenham apoiado Bolsonaro no segundo turno de 2022. Mais à direita na escala (7,97 contra 6,53 em 2022, $p < 0,001$, Tabela S3), a nova direita se distingue da direita tradicional apenas pela agenda moral, sinal de que sua autoposição tem conteúdo sobretudo moral.

Na nova direita, a maior coerência entre valores morais e econômicos observada em 2022, combinada à diferenciação moral, pode diminuir a incongruência ideológica entre filiados e partido (Kölln & Polk, 2017; Van Haute & Carty, 2012). Como mediadores entre eleitores e parlamentares (Scarrow, 2014), filiados com crenças estruturadas nos dois eixos podem facilitar a transmissão da agenda partidária e estabilizar a identidade programática da legenda.

A estratégia do PL em 2026 é compatível com esse quadro. O partido apostou em candidaturas majoritárias próprias para vincular as disputas estaduais à candidatura presidencial (Pitombo, 2026) e elegeu 121 deputados federais, a maior bancada da Câmara (Congresso em Foco, 2026), enquanto União Brasil, PSDB, PP e PSD perderam cadeiras (BBC News Brasil, 2026). Uma base coerente e unida por uma agenda moral pode favorecer a nacionalização partidária e a vinculação vertical entre cargos, hipótese a ser testada em estudos sobre o efeito *coattail*.

Esses resultados devem ser lidos com algumas limitações do desenho. Por se tratar de amostras não probabilísticas coletadas online, os achados indicam associações no interior das amostras, e não estimativas representativas do universo de filiados. A coleta via SurveyMonkey tende a favorecer respondentes com maior letramento digital e engajamento político, o que pode sobrerrepresentar perfis ideologicamente mais articulados. Como as amostras de 2020 e 2022 são independentes e de tamanhos distintos, parte das diferenças entre os dois anos pode decorrer de variação na composição dos respondentes e na precisão das estimativas, ainda que as correlações subam em quatro dos cinco blocos. A não resposta à escala ideológica é seletiva, maior entre evangélicos e na direita, o que torna a exclusão *listwise* uma possível fonte de viés. A imputação múltipla mantém os resultados principais. Por fim, a heterogeneidade interna dos blocos (desvios-padrão entre 1,0 e 1,7) pede cautela na leitura das médias, e o nível absoluto do índice econômico depende da redação dos itens, o que impede comparar filiados e parlamentares sem instrumento comum, como o do Proyecto de Élites Parlamentarias de América Latina (PELA-USAL).

Conclusões

Este working paper investigou como religião, ideologia e preferências econômicas se articulam no sistema de crenças dos filiados partidários brasileiros, com atenção às diferenças entre os subgrupos da direita. A partir de dois surveys com filiados de 25 partidos, foram estimados modelos de regressão e testes de comparação de médias para 2020 e 2022.

Os resultados indicam que a reorganização das direitas nas arenas eleitoral e parlamentar se expressa de forma parcial nas bases e no sistema de crenças dos seus filiados. O pertencimento evangélico se associa a maior conservadorismo moral nas duas amostras, e, em 2022, a nova direita se distingue da direita tradicional na dimensão moral. Nesse ano, a ideologia autoposicionada responde por uma parcela maior da variância do conservadorismo moral e a correlação entre as dimensões moral e econômica é mais elevada. Na dimensão econômica, porém, a nova direita não se distingue da direita tradicional, e os filiados mais liberais estão no Novo, fora do núcleo bolsonarista.

Esses resultados qualificam a leitura dos filiados como simples instrumento de mobilização eleitoral. Seus valores reproduzem parte das clivagens que reorganizaram a direita, o que os torna relevantes para a ação coletiva e as decisões internas dos partidos.

Para pesquisas futuras, recomenda-se investigar como esses valores se expressam em participação política. Cabe avaliar se o conservadorismo moral está associado a atitudes antidemocráticas, intolerância ou baixa adesão à diversidade, e como as lideranças partidárias respondem, ou não, à presença desses valores nas bases.

Esses achados ajudam a interpretar outros casos da América Latina, cujos estudos sobre as direitas se voltaram sobretudo a líderes e eleitores e deixaram as bases partidárias pouco investigadas (Luna & Rovira Kaltwasser, 2014; Mayka & Smith, 2021). No Chile, a ascensão de Kast e do Partido Republicano une conservadorismo religioso e radicalização (Díaz et al., 2023; Rovira Kaltwasser, 2019). Na Colômbia, o uribismo e os partidos evangélicos seguiram trajetória próxima (Gamboa, 2019; Ortega, 2018). No México, o Partido Encuentro Social mobilizou o eleitorado evangélico (Garma, 2019). Na Argentina, a irrupção de Milei aproximou radicalização econômica e reação moral (Zanotti, 2024). Em todos esses casos, avaliar os filiados permite identificar como tais identidades se enraízam nas organizações partidárias. No Brasil, o que distingue a base da nova direita da direita tradicional é a agenda moral, sinal de um enraizamento apoiado mais em valores morais do que no programa econômico.

Apoio e financiamento

Este trabalho foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no âmbito do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Representação e Legitimidade Democrática (INCT ReDem), processo nº 406649/2022-7, e pela Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (Projeto nº 115/2024 PDI).

O primeiro autor contou com bolsa de Pós-Doutorado no Exterior (PDE) do CNPq, processo nº 200961/2026-8.

Referências

Alves, V. S., Ribeiro, P. F., Assis, P. P. de, & Locatelli, L. G. B. (2024). Rage within the machine: Engajamento e radicalização entre filiados e dirigentes partidários no Brasil. *Revista*

Brasileira de Ciência Política, *43*, e269810. https://doi.org/10.1590/0103-3352.2024.43.269810pt

Amaral, O. E. do. (2013). O que sabemos sobre a organização dos partidos políticos: Uma avaliação de 100 anos de literatura. *Revista Debates*, *7*(2), 11–32. https://doi.org/10.22456/1982-5269.38429

Araújo, V. (2022). *A religião distrai os pobres? O voto econômico de joelhos para a moral e os bons costumes*. Edições 70.

BBC News Brasil. (2026, 7 de outubro). Qual é a composição da nova Câmara dos Deputados: Quem ganhou e quem perdeu espaço nas eleições 2026. *A Gazeta*. https://www.agazeta.com.br/mundo/qual-e-a-composicao-da-nova-camara-dos-deputados-quem-ganhou-e-quem-perdeu-espaco-nas-eleicoes-2026--1026

Bolognesi, B. (2021). Organização partidária: Modelos de análise e novas agendas. *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, (95), 1–27. https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/142

Bolognesi, B., Ribeiro, E., & Codato, A. (2023). Uma nova classificação ideológica dos partidos políticos brasileiros. *Dados*, *66*(2), e20210164. https://doi.org/10.1590/dados.2023.66.2.303

Borges, A. (2024). As duas faces da nova direita brasileira: Antipolítica e reação conservadora. *Opinião Pública*, *30*, e3018. https://doi.org/10.1590/1807-019120243018

Borges, A., & Vidigal, R. (Orgs.). (2023). *Para entender a nova direita brasileira: Polarização, populismo e antipetismo*. Zouk.

Cervi, E. U., Terron, S., & Soares, G. A. D. (2020). Filiação partidária: Uma importante variável esquecida no Brasil. *Opinião Pública*, *26*(3), 494–521. https://doi.org/10.1590/1807-01912020263494

Congresso em Foco. (2026, 5 de outubro). *Nova Câmara: Veja os 513 deputados federais eleitos em 2026*. https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/122927/nova-camara-veja-os-513-deputados-federais-eleitos-em-2026

Converse, P. E. (1964). The nature of belief systems in mass publics. In D. E. Apter (Ed.), *Ideology and discontent* (pp. 206–261). Free Press.

Díaz, C., Rovira Kaltwasser, C., & Zanotti, L. (2023). The arrival of the populist radical right in Chile: José Antonio Kast and the "Partido Republicano". *Journal of Language and Politics*, *22*(3), 342–359. https://doi.org/10.1075/jlp.22131.dia

Faeti, F. V. (2025). *Filiados e participação de alta intensidade nos partidos brasileiros: Abrindo a caixa preta* [Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/22401

Faeti, F. V., & Alves, V. S. (2026). *Religião, ideologia e mercado: Material suplementar e de replicação* [Conjunto de dados]. Harvard Dataverse. https://doi.org/10.7910/DVN/UPZLBM

Feldman, S., & Johnston, C. (2014). Understanding the determinants of political ideology: Implications of structural complexity. *Political Psychology*, *35*(3), 337–358. https://doi.org/10.1111/pops.12055

Ferreira, M. G. M., & Fuks, M. (2021). O hábito de frequentar cultos como mecanismo de mobilização eleitoral: O voto evangélico em Bolsonaro em 2018. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (34), e238866. https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.34.238866

Fuks, M., & Marques, P. H. (2022). Polarização e contexto: Medindo e explicando a polarização política no Brasil. *Opinião Pública*, *28*(3), 560–593. https://doi.org/10.1590/1807-01912022283560

Gamboa, L. (2019). El reajuste de la derecha colombiana: El éxito electoral del uribismo. *Colombia Internacional*, (99), 187–214. https://doi.org/10.7440/colombiaint99.2019.07

Garma, C. (2019). Religión y política en las elecciones del 2018: Evangélicos mexicanos y el Partido Encuentro Social. *Alteridades*, *29*(57), 35–46. https://doi.org/10.24275/uam/izt/dcsh/alteridades/2019v29n57/Garma

Guedes-Neto, J. V. (2020). Voto e identificação partidária em 2018: Ordenação social na política brasileira. *Opinião Pública*, *26*(3), 431–451. https://doi.org/10.1590/1807-01912020263431

Kölln, A.-K., & Polk, J. (2017). Emancipated party members: Examining ideological incongruence within political parties. *Party Politics*, *23*(1), 18–29. https://doi.org/10.1177/1354068816655566

Layman, G. C., & Carsey, T. M. (2002). Party polarization and "conflict extension" in the American electorate. *American Journal of Political Science*, *46*(4), 786–802. https://doi.org/10.2307/3088434

Lazarsfeld, P. F., Berelson, B., & Gaudet, H. (1944). *The people's choice: How the voter makes up his mind in a presidential campaign*. Duell, Sloan and Pearce.

Luna, J. P., & Rovira Kaltwasser, C. (Eds.). (2014). *The resilience of the Latin American right*. Johns Hopkins University Press.

Margolis, M. F. (2018). *From politics to the pews: How partisanship and the political environment shape religious identity*. University of Chicago Press.

Mayka, L., & Smith, A. E. (2021). Introduction: The grassroots right in Latin America: Patterns, causes, and consequences. *Latin American Politics and Society*, *63*(3), 1–20. https://doi.org/10.1017/lap.2021.20

Moreira, T., & Rennó, L. (2024). Conservadores convertidos: O "efeito Bolsonaro" em 2018. *Opinião Pública*, *30*, e30112. https://doi.org/10.1590/1807-0191202430112

Nicolau, J. (2020). *O Brasil dobrou à direita: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. Zahar.

Ortega, B. A. (2018). *Evangélicos y política: Formación y viabilidad de los partidos políticos evangélicos en Colombia (1990–2018)* [Tese de doutorado, Universidad de los Andes]. https://repositorio.uniandes.edu.co/handle/1992/38747

Pitombo, J. P. (2026, 9 de agosto). PT e PL preparam estratégias nos estados por palanque nacional; entenda. *Estado de Minas*. https://www.em.com.br/politica/2026/08/7476602-pt-e-pl-preparam-estrategias-nos-estados-por-palanque-nacional-entenda.html

Rennó, L. (2020). The Bolsonaro voter: Issue positions and vote choice in the 2018 Brazilian presidential elections. *Latin American Politics and Society*, *62*(4), 1–23. https://doi.org/10.1017/lap.2020.13

Rennó, L. (2022). Bolsonarismo e as eleições de 2022. *Estudos Avançados*, *36*(106), 147–163. https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36106.009

Rennó, L., Moreira, T., & Tamaki, E. R. (2026). Beyond electoral fortunes: The consolidation of a far-right alignment in Brazil. *Journal of Politics in Latin America*, *18*(2), 235–260. https://doi.org/10.1177/1866802X261424885

Ribeiro, P. F., & Alves, V. S. (2025). New parties, new activism? A generational approach to party linkage in a multiparty system. *Party Politics*, *31*(2), 265–274. https://doi.org/10.1177/13540688241306733

Ribeiro, P. F., Alves, V. S., Assis, P. P., Locatelli, L. G. B., Faeti, F. V., & Souza, F. C. S. (2026). *Survey do Centro de Estudos de Partidos Políticos (CEPP)* [Conjunto de dados]. Harvard Dataverse. https://doi.org/10.7910/DVN/KURB3Y

Ribeiro, P. F., & Amaral, O. E. do. (2019). Militantes partidistas y participación de alta intensidad: Evidencia desde el caso brasileño. *Revista de Ciencia Política*, *39*(3), 489–515. https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-090X2019000300489&script=sci_arttext

Rocha, C. (2021). *Menos Marx, mais Mises: O liberalismo e a nova direita no Brasil*. Todavia.

Rovira Kaltwasser, C. (2019). La (sobre)adaptación programática de la derecha chilena y la irrupción de la derecha populista radical. *Colombia Internacional*, (99), 29–61. https://doi.org/10.7440/colombiaint99.2019.02

Samuels, D., & Zucco, C. (2018). *Partisans, antipartisans, and nonpartisans: Voting behavior in Brazil*. Cambridge University Press.

Scarrow, S. E. (2014). *Beyond party members: Changing approaches to partisan mobilization*. Oxford University Press.

Silva, T. M. da. (2018). *Para além de esquerda e direita: A multidimensionalidade das crenças no Brasil contemporâneo (1989–2014)* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. https://repositorio.unb.br/handle/10482/32005

Singer, A. (2021). A reativação da direita no Brasil. *Opinião Pública*, *27*(3), 705–729. https://doi.org/10.1590/1807-01912021273705

Smith, A. E. (2019). *Religion and Brazilian democracy: Mobilizing the people of God*. Cambridge University Press.

Speck, B. W. (2013). Nem ideológica, nem oportunista: A filiação partidária no contexto pré-eleitoral no Brasil. *Cadernos Adenauer*, *14*(2), 37–60. https://www.kas.de/documents/265553/265602/7_file_storage_file_10384_5.pdf/3086d17a-7388-45e5-14e3-6c2092c5acca

Speck, B. W., Braga, M. do S. S., & Costa, V. (2015). Estudo exploratório sobre filiação e identificação partidária no Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, *23*(56), 125–148. https://www.scielo.br/j/rsocp/a/jSHnLzwcgWfX4L4TtWqMP4b/

Tatagiba, L. (2018). Entre as ruas e as instituições: Os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. *Lusotopie*, *17*(1), 112–135. https://doi.org/10.1163/17683084-12341714

Treier, S., & Hillygus, D. S. (2009). The nature of political ideology in the contemporary electorate. *Public Opinion Quarterly*, *73*(4), 679–703. https://doi.org/10.1093/poq/nfp067

Van Haute, E., & Carty, R. K. (2012). Ideological misfits: A distinctive class of party members. *Party Politics*, *18*(6), 885–895. https://doi.org/10.1177/1354068810395058

Vidigal, R. (2022). Authoritarianism and right-wing voting in Brazil. *Latin American Research Review*, *57*(3), 554–572. https://doi.org/10.1017/lar.2022.32

Zanotti, L. (2024). The Latin American populist radical right in comparative perspective: Constraints and opportunities. In A. Borges, R. Lloyd, & G. Vommaro (Eds.), *The recasting of the Latin American right: Polarization and conservative reactions* (pp. 158–174). Cambridge University Press.

Autoria

Filipe Vicentini Faeti

Filipe Vicentini Faeti é doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com bolsa da FAPESP, e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Realiza estágio pós-doutoral na Universidad de Salamanca e no INCT ReDem. Pesquisa comportamento político e organização partidária. É membro do Centro de Estudos de Partidos Políticos (CEPP-UFSCar), do Grupo de Estudos em Cultura Política, Comportamento e Democracia (CPDC-UEM), do Vox (UFSCar) e do Political Party Database (PPDB). fvfaeti@gmail.com

Vinicius Silva Alves

Vinicius Silva Alves é professor e pesquisador do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), em São Paulo, e doutor em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB). Em pós-doutorado na UFSCar, com bolsa da FAPESP, conduziu o primeiro survey nacional com filiados partidários no Brasil. Foi pesquisador visitante na University of California, Davis. Pesquisa filiação partidária, democracia intrapartidária e sistemas partidários. Integra o CEPP-UFSCar e é responsável pelo Brasil no Democratic Accountability and Linkages Project (DALP). vinicius.alves@idp.edu.br

Normas para colaboração



O **ReDem Working Paper do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Representação e Legitimidade Democrática (ReDem)** aceita notas de pesquisa originais, com resultados substantivos de pesquisa empírica a partir de dados inéditos, e textos programáticos, como agendas de pesquisa.

Os textos devem conter até 5 mil palavras no corpo, do primeiro título ao fim da conclusão, com tabelas e quadros. A decisão sobre a sua publicação cabe ao Editor a partir da avaliação de dois pareceristas.

O resumo, com até 250 palavras, segue o formato IMRAD (introdução, materiais e métodos, resultados e discussão), com as conclusões explícitas, e é acompanhado de cinco palavras-chave. O título tem até 100 caracteres com espaços. Título, resumo e palavras-chave têm versão em inglês. Cada nota de rodapé tem no máximo 400 caracteres com espaços. As referências ficam ao final do texto, em ordem alfabética, no padrão APA (7ª edição).

Os textos devem ser enviados por e-mail para coordenacao@redem.tec.br aos cuidados do Editor, em .docx gerado a partir do modelo da série. O ReDem Working Paper é publicado online, em fluxo contínuo, e os textos de cada ano civil formam um volume.

Copyright© 2026
Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia
Representação e Legitimidade Democrática (INCT-ReDem)

ReDem Working Paper. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Representação e Legitimidade Democrática

Editor: Djiovanni Jonas França Marioto (Sciences Po; UFPR; INCT ReDem)

Conselho editorial: Adriano Codato (UFPR), Bruno Bolognesi (UFPR), Carolina de Paula (UERJ), Ednaldo Ribeiro (UEM), Graziella Testa (FGV), Jaqueline Zulini (FGV), Karolina Roeder (UNINTER), Luciana Veiga (UNIRIO/FGV), Maria Alejandra Nicolás (UNILA), Maria Cecilia Eduardo (UFPR), Nara Pavão (UFPE), Renato Perissinotto (UFPR)

Periodicidade: fluxo contínuo, com um volume por ano civil
ISSN: 3086-8246

Financiamento:
CNPq. Processo n. 406649/2022-7
Fundação Araucária. Projeto nº 115/2024 PDI

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia
Representação e Legitimidade Democrática
Universidade Federal do Paraná
Departamento de Ciência Política
Rua General Carneiro, 460, sala 515
Curitiba - PR - BRASIL CEP 80060-150
E-mail: coordenacao@redem.tec.br ▪ URL: https://redem.tec.br/

Direitos e permissões

O texto e os dados nesta publicação podem ser reproduzidos desde que a fonte seja citada.

O *ReDem Working Paper* dissemina resultados de trabalhos em andamento para incentivar a troca de ideias. Os documentos são assinados pelos(as) autores(as) e devem ser citados de acordo com a referência abaixo.

Os resultados, interpretações e conclusões expressos no working paper são de responsabilidade das(os) autoras(es) e não refletem necessariamente as visões do INCT ReDem.

Os textos do **ReDem Working Paper** estão disponíveis online [https://redem.tec.br/]. Assinaturas podem ser feitas por e-mail coordenacao@redem.tec.br

Como citar
Faeti, F. V., & Alves, V. S. (2026). *Religião, ideologia e mercado: O sistema de crenças dos filiados da nova direita brasileira* (ReDem Working Paper, vol. 3). INCT ReDem. https://redem.tec.br/working-paper-religiao-ideologia-e-mercado

Rights and Permissions

The text and data in this publication may be reproduced as long as the source is cited.

The ReDem Working Paper disseminates the findings of work in progress to encourage the exchange of ideas. The papers are signed by the authors and should be cited accordingly.

The findings, interpretations, and conclusions expressed are the responsibility of the authors and do not necessarily reflect the views of the INCT ReDem.

Working papers are available online [https://redem.tec.br/] and subscriptions can be requested by email to coordenacao@redem.tec.br

How to cite
Faeti, F. V., & Alves, V. S. (2026). *Religião, ideologia e mercado: O sistema de crenças dos filiados da nova direita brasileira* [Religion, ideology, and the market: The belief system of Brazil's new right party members] (ReDem Working Paper, vol. 3). INCT ReDem. https://redem.tec.br/working-paper-religiao-ideologia-e-mercado